

Álvaro de Campos

## APOSTILA

### APOSTILA

Aproveitar o tempo!  
Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?  
Aproveitar o tempo!  
Nenhum dia sem linha. . .  
O trabalho honesto e superior. . .  
O trabalho à Virgílio, à Milton. . .  
Mas é tão difícil ser honesto ou superior!  
É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!

Aproveitar o tempo!  
Tirar da alma os bocados precisos — nem mais nem menos —  
Para com eles juntar os cubos ajustados  
Que fazem gravuras certas na história  
(E estão certas também do lado de baixo que se não vê). . .  
Pôr as sensações em castelo de cartas, pobre China dos serões,  
E os pensamentos em dominó, igual contra igual,  
E a vontade em carambola difícil.  
Imagens de jogos ou de paciências ou de passatempos —  
Imagens da vida, imagens das vidas. Imagens da Vida.

Verbalismo. . .  
Sim, verbalismo. . .  
Aproveitar o tempo!  
Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça. . .  
Não ter um acto indefinido nem factício. . .

Não ter um movimento desconforme com propósitos. . .  
Boas maneiras da alma. . .  
Elegância de persistir. . .

Aproveitar o tempo!  
Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro.  
Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto.  
Meu canto (verbalismo!) está tal como está e é triste.  
Aproveitar o tempo!  
Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.  
Aproveitei-os ou não?  
Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?!

(Passageira que viajaras tantas vezes no mesmo compartimento comigo  
No comboio suburbano,  
Chegaste a interessar-te por mim?  
Aproveitei o tempo olhando para ti?  
Qual foi o ritmo do nosso sossego no comboio andante?  
Qual foi o entendimento que não chegámos a ter?  
Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto a vida?)

Aproveitar o tempo!  
Ah, deixem-me não aproveitar nada!  
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser! . . .  
Deixem-me ser uma folha de árvore, titilada por brisa,  
A poeira de uma estrada involuntária e sozinha,  
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não vêm outras,  
O pião do garoto, que vai a parar,  
E oscila, no mesmo movimento que o da alma,  
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.

11-4-1928

**Poesias de Álvaro de Campos.** Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 261.

1ª publ. in **Presença**, 2ª série, nº 1. Coimbra: Nov. 1939.